

## **‘CRIATIVAR’ A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR: UMA NECESSIDADE NO SÉCULO XXI**

ZÉLIA MARIA FREIRE DE OLIVEIRA  
zeliagreire@gmail.com  
Universidade Católica de Brasília - UCB

Eixo temático: Formação de professores e profissionalização docente  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### **Resumo**

O artigo atual, com base em pesquisa bibliográfica e em pesquisas empíricas, mostra que, apesar de as recentes teorias em criatividade afirmarem que ela é inerente a todo ser humano, podendo ser desenvolvida em todas as pessoas, independentemente da idade, gênero, condição social, pouco se tem feito para estimulá-la, no âmbito educacional. Na formação do professor não é sequer mencionada como essencial na sua atuação, nem são dadas informações ao seu respeito. Assim sendo, o professor, muitas vezes, é uma vítima da sua formação e de programas de atualização, baseados na racionalidade técnica, com ênfase na reprodução do conhecimento e na memorização. Desconhece o que pode fazer para incentivar a criatividade em sala de aula e formar cidadãos criativos para esse mundo tão rico em desenvolvimento, mas também tão complexo e com inúmeros problemas a serem solucionados. O professor, de modo geral, não aprende em sua formação o que pode fazer, intencionalmente, valendo-se de técnicas, estratégias, métodos, exercícios que podem ser adotados nos seus procedimentos pedagógicos, que possibilitam o desenvolvimento do potencial criativo dos alunos e que podem tornar as disciplinas mais amenas e favorecem o desenvolvimento do pensamento divergente e não somente do convergente, como vem sendo feito. Desta forma, o professor, sabendo usar sua criatividade, poderá contribuir para a formação de cidadãos criativos e tornar o ensino-aprendizagem mais prazeroso.

**Palavras-chave:** ‘Criativar’. Criatividade. Formação do Professor. Estudantes.

### **Introdução - questionando a formação dos professores**

O verbo que dá título a este artigo deriva do livro ‘Criative-se’ - Um guia prático para turbinar o seu potencial criativo (CLAXTON; LUCAS, 2005). É um neologismo que expressa maravilhosamente a ideia que se pretende realçar neste artigo: a necessidade de se ter na formação dos professores informações sobre criatividade para que eles formulem suas aulas

de forma inteligente, criativa, flexível, de acordo com os desafios do mundo e, sobretudo, sejam agentes transformadores e formadores de cidadãos criativos para este século XXI.

Casassus (2003), Gomes (1994) e Tardif (2003) estudaram o trabalho dos professores, sob a ótica da Sociologia e reconheceram ser ele um dos principais fatores de sucesso escolar dos alunos. Enfatizaram que o professor é o agente imprescindível no processo de mudança social, fato que já era reconhecido desde fins do século XI, quando os professores eram considerados como ponta de lança na modernização da sociedade pela transmissão de novas ideias ou ideais.

O mundo de hoje apresenta características marcantes. Ao lado de desenvolvimentos fantásticos, como o tecnológico e o científico, estão as desigualdades sociais crescentes, conflitos religiosos e políticos, turbulências sociais e econômicas, declínio de valores éticos, agressões ao meio ambiente. São inúmeros os problemas de ordem social, de saúde, de sustentabilidade etc., que demandam soluções urgentes e inovadoras. Para isso, é preciso que a escola prepare cidadãos criativos que possam responder a estes problemas (OLIVEIRA, 2010).

Entretanto, a formação do professor, em pleno século XXI, ainda está aquém das necessidades atuais, predominando o ensino enciclopédico e continua voltada para a solução de problemas através da aplicação de teorias, métodos e técnicas. Como enfatiza Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002), os desafios do mundo contemporâneo, particularmente os relativos às transformações pelas quais a educação escolar passa, incidem diretamente sobre os cursos de formação de professores, cujos saberes e práticas, tradicionalmente estabelecidos e disseminados, dão sinais de esgotamento.

Questiona-se hoje a educação e, por conseguinte, os professores que não estimulam nos alunos “uma forma autônoma de pensar e de agir”, que não propiciam experiências promotoras do desenvolvimento da criatividade em todas as áreas do saber e nem se valem de “metodologias de ensino que estimulem formas de pensamento divergente e canalizem o agir para mudanças positivas” (TIBEAU, 2002, p. 1).

O professor não ensina criativamente porque não foi assim formado e, conseqüentemente, não consegue implementar a formação de futuros cidadãos criativos. Vive uma crise do profissionalismo, crise do valor dos saberes profissionais, da formação profissional, da ética profissional e da confiança da sociedade em seus profissionais. Além

disso, convive com uma perda de prestígio social ao longo dos anos e com um conseqüente decréscimo da remuneração (TARDIF, 2003).

Para reverter essa situação, Tardif (2003) acentua que é preciso preparar melhor o profissional professor e atualizá-lo constantemente, para que ele veja além das aparências, além dos rótulos e julgamentos relacionados à sua profissão. Faz-se extremamente necessário que o seu aperfeiçoamento e formação sejam permanentes e atualizados para um adequado desempenho docente. Em sua formação, enfatiza ainda Tardif (2003), devem ser incluídos saberes e práticas: saberes da formação profissional, que são conhecimentos ligados às ciências da educação, teorias e métodos; saberes disciplinares da área que vai lecionar; saberes curriculares, que se apresentam nos programas de ensino; “saberes experienciais”, que são desenvolvidos no seu cotidiano e no conhecimento do seu meio. Teoria e prática precisam caminhar de mãos dadas com a criatividade. Mas, para formar o profissional da educação, se requer um investimento competente e crítico das esferas do conhecimento, da ética e da política.

### **Criatividade - uma necessidade na formação do professor**

Não há um único conceito de criatividade. Segundo Bahia e Nogueira (2005), o homem tem sempre questionado o ato criativo, mas ainda não conseguiu uma compreensão plena e uma definição completa, o que não impede de se reconhecer a capacidade e necessidade de criar do homem e a sua importância crescente no cenário mundial, na vida de cada um, no contexto social e no progresso da humanidade. Entre os inúmeros conceitos que existem, estão determinados aspectos comuns nas definições: ideia de novo, de original, de útil, com valor social em um determinado momento histórico, de um “fenômeno complexo, multifacetado e pouco explorado” (ALENCAR; FLEITH, 2003). A criatividade, segundo Gardner (1994), é o que leva um indivíduo a resolver problemas, desenvolver novos produtos ou propor novas questões dentro de um domínio, de modo que aquele produto, que inicialmente, foi considerado não usual, é, eventualmente, aceito dentro de, no mínimo, um grupo cultural. Cropley (2005) acentua que se deve compreender a criatividade como uma força com responsabilidade social, além de constituir um caminho para a realização individual.

São muitas as indagações que são colocadas diante da atual formação de professores. Como equilibrar uma formação atuante, criadora, motivadora sem cair num ‘fazer irrefletido’ (PORTO, 2002)? Como formar professores que ensinem e formem cidadãos para este novo mundo, usando-se velhas técnicas didáticas? Existe criatividade na metodologia de ensino? O professor transmite só conhecimento? O professor aprende a ser criativo? Ele tem em sua formação modelos de professores criativos? Ele conhece exercícios, técnicas, procedimentos que o auxiliem a desenvolver o potencial criativo dos estudantes?

Há uma necessidade premente de se envolver a criatividade no processo ensino-aprendizagem da formação do professor, para que ele seja formado com a visão criativa e possa ser um agente de mudanças neste contexto atual com seus alunos. O professor educador precisa não só da competência do conhecimento, mas também de sensibilidade ética e de consciência política.

Hoje, acredita-se que a solução dos problemas econômicos encontra-se na redefinição do conhecimento por meio de profissionais mais competentes. Para isso, é preciso colocar os docentes no centro do conhecimento educativo, devendo a sua formação se adequar ao papel mais amplo do professor nesse mundo globalizado, de acordo com as novas exigências sociais. A formação do professor de hoje deve ser de tal forma que possa dar-lhe um papel mais amplo e significativo e o possibilite atingir, com seus alunos, os quatro pilares da educação (CARNEIRO, 2001, p. 3-4): “aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver. Além disso, são necessárias também “aprendizagens teleológicas ou finalísticas”, aprendizagens essas que se relacionam com aprender a condição humana; aprender a viver a cidadania; aprender a cultura matricial; aprender a processar a informação e a organizar o conhecimento; aprender a gerir uma identidade vocacional; e aprender a construir a sabedoria.

Segundo Bautista Vallejo (2003), o contexto atual exige uma nova imagem do professor e de sua atividade. Por isso, aponta a necessidade de uma escola aberta e um novo profissional que dê uma resposta criativa e responsável aos problemas da comunidade onde está inserida, que possa construir um novo mundo com seus alunos. Para isso, o espaço formativo dos professores deve agregar atores sociais que convertam o compromisso e a honestidade profissional em resultados e práticas do cotidiano. Ainda o autor acrescenta que toda reforma educacional, que pretenda uma mudança geral na educação, deve considerar o

professor como peça fundamental de todo o sistema que está em mudança constante e atentar para os currículos, muitas vezes inadequados ao mundo de hoje.

E como aprender tudo isso, sem criatividade? Muitos pesquisadores têm constatado, no ensino universitário, ineficiência quanto à promoção da criatividade, o não encorajamento do pensamento criativo e independente, a ênfase na memorização e na reprodução de conhecimento (ALENCAR, 2001, 2011; CASTANHO, 2000; ROSAS, 1987; WECHSLER, 2001. 2011). A essa afirmação, Castanho (2000) acrescenta que não somente as escolas iniciais devem incentivar a criatividade, mas também as instituições de educação superior precisam trabalhar no sentido de despertarem o potencial criativo dos alunos, que hoje em dia, aqui no Brasil, são, em geral, pouco ou nada interessadas no criativo, enquanto que em outros países já há este empenho bastante acentuado. Para Castanho (2000), as universidades e faculdades continuam dando mais atenção ao pensamento convergente, que busca solução única e imediata, do que ao pensamento divergente, que busca respostas na diversidade de soluções, tendendo mais para a originalidade do que para o conformismo, fato também encontrado nos demais níveis de ensino. Wechsler (2001) reforça que, grande parte dos docentes de instituições de ensino superior deixa a desejar em sua atividade, ficando presos aos modelos tradicionais e às práticas pedagógicas não orientadas para estimular a criatividade dos alunos, que muitos já são ou serão futuros professores. Para a mesma autora, a criatividade continua um enigma a ser descoberto, embora as pesquisas tenham demonstrando que pode ser aplicada em qualquer área do currículo acadêmico. A ‘práxis’ na universidade tem sido uma pedagogia não voltada para a criatividade e grande parte dos professores universitários somente se preocupa em reproduzir conhecimentos, não enfatizam o ensino reflexivo e crítico, nem alertam os alunos “para o ‘pulo do gato’, que só os que se aventuraram na fantasia, na criação conseguem”, já Rosas (1987, p. 123) mencionava há mais de duas décadas.

Por outro lado, Perrenoud (1999) salienta que há professores radicais que voltam as costas às novas pedagogias, não considerando a realidade dos alunos; também há os que gostam da improvisação com altos riscos; porém a maioria oscila entre essas duas posturas, o que dificulta a imagem pública dar conta dessas oscilações, sem correr o risco de fazer o professor parecer incompetente e sentir-se vulnerável. As famílias e a opinião pública, por sua vez, continuam a esperar dos professores atitudes ortodoxas e, muitas vezes, não entendem os procedimentos criativos de determinado professor.

Diante de tudo que foi enfocado, pode-se afirmar que a formação dos professores precisa urgentemente ser revista, atualizada, adaptada ao contexto atual, “criativada”. A educação não mudará sem uma mudança na formação do professor e as soluções tão prementes no mundo contemporâneo não serão viabilizadas se não houver cidadãos criativos, formados por professores criativos, numa escola aberta à criatividade. Nenhuma instituição formadora de professor deveria se esquecer da expressão de Santo (2004):

$$\text{CRIA} = \text{ATIVA} + \text{A} + \text{MENTE}$$

### **Como cultivar a criatividade?**

Conforme acentua Masi (2002, pág. 677), a criatividade é uma planta delicada que deve ser regada com “fantasia e concretude, com diligência ansiosa e competência científica”. O jardineiro não precisa ser um especialista naquela planta, mas deve cuidá-la todos os dias. Cada aluno possui o seu potencial a desenvolver, que precisa de seu tempo e da devida atenção e cuidados para desenvolver. O professor é o jardineiro com várias missões, entre elas a de ajudar os alunos a experimentarem e entenderem a sua criatividade, como acentua Jackson (2007). Entretanto, tal qual no jardim onde, se não houver cuidados, as ervas daninhas prevalecerão e por isso devem ser arrancadas, também na educação o professor precisa preparar o terreno, propiciar um clima de desenvolvimento ao potencial criativo dos alunos, enfim deve estar preparado para enfrentar as muitas barreiras à criatividade.

É cada vez mais notória a importância de se desenvolver a criatividade na escola. Entre as teorias atuais sobre criatividade, estão as sistêmicas (Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg e Lubart, 1996; Modelo Componencial da Criatividade de Amabile, 1996; Perspectiva de Sistemas de Csikzentmihalyi, 1996). Estas teorias concebem a criatividade como um fenômeno sociocultural, resultante de uma rede complexa de interações entre variáveis do indivíduo e da sociedade para a expressão criativa e indicando que o potencial criativo existente em todas as pessoas pode ser desenvolvido ou atrofiado, conforme o estímulo positivo ou negativo que se receber ao longo da vida.

Amabile (1996) explica de que forma os fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam no processo criativo e enfatiza a motivação e os fatores sociais. Para Sternberg e Lubart (1996), a criatividade provém de seis fatores distintos que se interrelacionam e não podem ser vistos isoladamente: inteligência, estilos intelectuais,

conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental. A teoria de Csikszentmihalyi (1996) vale-se do indivíduo, portador de uma herança genética e de suas próprias experiências; do domínio que consiste num sistema simbólico com um conjunto de regras para representação do pensar e do agir e que, em síntese, é a cultura; e do campo, parte do sistema social que tem o poder de determinar a estrutura do domínio e sua maior função é preservá-lo como tal.

Mediante essas teorias, o ambiente educacional é preponderantemente apropriado para o desenvolvimento da criatividade, sobretudo, porque é nele que se passa uma boa parte da vida e o professor é uma fonte de influência sobre os alunos. Entretanto, o que tem acontecido nas instituições de ensino, de modo geral, inclusive as formadoras de professores, é a ocorrência de diversas barreiras à criatividade, que vem sendo estudadas por vários pesquisadores sobre a criatividade e o contexto educacional, como Alencar (2000, 2001, 2004, 2008), Alencar e Fleith (2003, 2008, 2010), Betancourt Morejón (1996), Mitjans Martínez (1997), Perrenoud (1999), Wechsler (2002). São muitas as barreiras que podem ser internas ou externas à pessoa.

Predebon (2001) chama a atenção para os inimigos que as pessoas têm contra a criatividade, que estão bem dentro de cada uma, fato que dificilmente se tem consciência de sua existência. Entre os bloqueios apontados pelo autor estão: a acomodação, a miopia estratégica, o imediatismo, a insegurança, o pessimismo, a timidez, o desânimo e a dispersão.

O conhecimento, quando é insuficiente ou defasado sobre determinado assunto ou problema, pode provocar a emissão de juízos precipitados, restringindo as respostas aos problemas e à combinação de ideias e levando ao conformismo, à mediocridade e à inflexibilidade perante formas novas. O temor ao ridículo e de cometer erros, o medo de provocar risos ou de fracassar, a intolerância à incerteza e ao desconhecido dificultam enfrentar o ambíguo e o inexato. Também estão entre as barreiras ideias e hábitos estereotipados que no exercício da profissão inibem a criatividade; a valorização excessiva da vitória e da avaliação quantitativa, bem como o uso de expressões que tolhem a criatividade como, “isso não é parte de nosso trabalho, isso não é para você”; ênfase somente em questões e ações tradicionais, em detrimento de perguntas e ideias diferentes e criativas; a não percepção de problemas de modos diferentes; adoção de atitudes fechadas, inflexíveis, autoritárias, intolerantes ao novo; baixa autoestima e falta de confiança em si; reprodução do conhecimento e estímulo à memorização dos ensinamentos; apego às regras e às tradições;

autoritarismo, que leva à intolerância, à rigidez e à dificuldade em ouvir o outro. As pessoas criativas têm confiança em si próprias, são independentes e seguras de seus méritos e enfrentam o fracasso, o ridículo e a incerteza, fazendo da criação um motivo essencial de suas vidas.

Entre as diversas barreiras à criatividade, Perrenoud (1999) aponta a prontidão do professor e o sentimento de rotina. Para que um problema inédito seja fonte de renovação, criação e de gratificação, é preciso estar pronto para acolhê-lo e tratá-lo com curiosidade e seriedade e, durante a aula, o professor precisa estar atento aos desafios. O autor enfatiza que tal estrutura da profissão, de rotina ligada a uma organização do trabalho, faz com que os professores se ocupem de tudo um pouco e de nada a fundo, deixando a eles um desagradável sentimento de que poderia fazer mais. Wechsler (2002) e Fleith (2005) acentuam que o desenvolvimento da criatividade depende do tipo de ambiente e do clima que se encontra ao redor, sendo difícil ser criativo em um ambiente e num clima hostil a novas ideias, da mesma forma que uma planta se desenvolve muito ou pouco, dependendo do terreno onde for colocada. Daí, a importância do envolvimento e apoio da gestão escolar.

Exemplificando a importância de se detectar e combater as barreiras à criatividade, Land e Jarman (1992) relatam os resultados de testes realizados com um grupo de 1.600 jovens nos EUA; tais testes eram usados pela NASA para seleção de cientistas e engenheiros inovadores. No primeiro teste, as crianças tinham entre três e cinco anos e 98% apresentaram alta criatividade; o mesmo grupo foi testado aos 10 anos e este percentual caiu para 30%; aos 15 anos, somente 12% mantiveram um alto índice de criatividade. Teste similar foi aplicado a mais de 200.000 adultos e somente 2% se mostraram altamente criativos. Os autores concluíram que aprendemos a ser não-criativos à medida que crescemos e o declínio da criatividade não é devido à idade, mas aos bloqueios mentais criados ao longo de nossa vida, pela família, pela escola, pela sociedade.

Infelizmente, barreiras à criatividade estão presentes nos diversos níveis de ensino. Conforme acentua Alencar (2004), muitos professores não sabem do seu poder de influência nos alunos por meio de suas atitudes, comportamento em classe e que ele pode tanto favorecer o desenvolvimento do potencial criativo, quanto criar barreiras à criatividade, pode tornar prazerosa a escola ou tornar a aprendizagem um processo aversivo. Jackson (2007), no mesmo sentido, realça que a melhor forma de desenvolver a criatividade dos alunos é ser modelo para eles; a criatividade dos professores é um incentivo à criatividade dos alunos.

Entretanto, se não forem vencidas as barreiras à criatividade no contexto escolar e também as inerentes à pessoa do professor, a criatividade continuará ofuscada e o desabrochar do potencial criativo dos alunos será prejudicado, pois como afirmou Amabile (1999, p. 110) “sufocar a criatividade é fácil, difícil é estimulá-la”.

### **Características do professor criativo**

Vários autores (Alencar, 2001, Alencar e Fleith, 2003, 2005; Cropley, 2005; De La Torre, 2007; Fleith, 2001; Oliveira, 2007; Wechsler, 2002, entre outros) relacionam características de um professor criativo. Professor criativo é aquele que está aberto a novas experiências, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz. Trabalha com idealismo e prazer. Tem postura de facilitador e, muitas vezes, quebra paradigmas da educação tradicional. Ouve idéias diferentes das suas com interesse, procurando encorajar os alunos a ter ideias próprias, originais, diferentes, inovadoras. Estimula o questionamento e a curiosidade, cria um ambiente sem pressões e estabelece um clima criativo. Encoraja sempre que possível o pensamento flexível. Usa a crítica com cautela. Disponibiliza uma diversidade de materiais e sob diferentes condições, ajuda os alunos a aprender com a frustração e o fracasso, considera os interesses, habilidades e provê oportunidades para que os alunos se conscientizem de seu potencial criativo. Sabe se valer de técnicas, exercícios, estratégias e procedimentos que estimulam a criatividade, citados por diversos autores como: Alencar e Fleith (2003), De La Torre (2007), Torrance (1987), Uano (2002), Virgolim, Fleith e Neves-Pereira (2006), entre outros. Mitjáns Martínez e colaboradores (1995). Também são vários os exercícios estimuladores da criatividade que poderão ser utilizados em qualquer disciplina como: tempestade cerebral ou *brainstorming*; exercícios sinéticos; mapa mental; *concassage*; relações forçadas e outros.

Enfim, o professor criativo é um encorajador do trabalho inovador, de elaboração de produtos originais. Ele faz com que todas as disciplinas possam trazer momentos de prazer em aprender e desenvolver o potencial criativo dos alunos.

Também Freire e Shor (1996) indicam uma série de qualidades e atitudes para o professor: ser dialógico (e aqui é realçado que o diálogo é em si criativo e recriativo); ter pensamento crítico e desenvolver tal pensamento em seus alunos; trabalhar o currículo de forma flexível; ser um iluminador da realidade, levando o aluno a pensar sobre seu contexto social como parte dele e responsável por ele; ser um eterno aprendiz; ser um elemento

motivador, um artista, um político, um ser criativo e dinâmico, aberto às mudanças; ter autoridade frente aos alunos, sem ser autoritário; ser democrático, sem praticar o *laissez-faire*; ser líder, sem autoritarismo ou dominação; ter humor; ter consistência emocional, saber lidar com situações de preconceitos; ser responsável por aquilo que ensina e vivencia com os alunos. Ainda para os autores, o que o professor faz em classe não pode estar desvinculado do mundo real e este mundo real é que constitui o poder e os limites de qualquer curso crítico.

### **Considerações Finais**

Encerrando, endossamos as palavras de Castanho (2000), que enfatizam que a criticidade, a imaginação, a intuição, a confiança, a criação, a abertura são características interligadas com a criatividade e precisam estar presentes na formação do professor para que ele também possa estimular isso em seus alunos.

A utilização intencional do espaço educacional para contribuir no incremento da criatividade supõe trabalhar em três direções, conforme Mitjans Martínez (2002): é preciso trabalhar para o desenvolvimento da criatividade do aluno, do professor e da instituição de ensino como organização, porque se todos não estiverem engajados no propósito de facilitar e desenvolver a criatividade dificilmente serão transpostas as barreiras que impedem o seu florescer.

As barreiras à criatividade na formação do professor são como ervas daninhas que impedem o crescimento sadio dos potenciais criativos dos alunos, mas o importante é que, ao se tomar consciência de sua existência, elas poderão ser extirpadas pelo bom jardineiro. Se o professor não recebeu em sua formação noções de criatividade e das muitas formas de desenvolver o potencial criativo de seus alunos, essa carência poderá ser suprida por programas de atualização que contemplem o tema e que lhe ensine algumas das inúmeras técnicas de como desenvolver o potencial criativo dos alunos, de como tornar as disciplinas mais prazerosas para os alunos. Cabe aos gestores de escola estar atentos a essa necessidade e incluir no planejamento escolar tais programações em palestras, semanas pedagógicas, encontros e horas de aperfeiçoamento, suprimindo a deficiência na formação do professor.

Também ratificamos a afirmativa de Alencar (2008), de que o professor é um elemento chave no processo de construção da aprendizagem do aluno e cabe a ele fazer com que a sala de aula seja receptiva à criatividade, mas é fundamental que nos cursos de

formação de professores, a criatividade seja tratada como um tópico necessário, visando preparar o futuro docente para o reconhecimento e o desenvolvimento do potencial criativo do aluno. É possível reverter esse quadro apontado no presente artigo, combater as barreiras à criatividade e ‘criativar’ a formação do professor e, usando as palavras do poeta Guillaume Apollinaire, ‘temos de perder o medo de voar’.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de. O perfil do professor facilitador e do professor inibidor da criatividade segundo estudantes de pós-graduação. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 84 - 94, jan. 2000.

\_\_\_\_\_. Criatividade em cursos universitários: o papel do professor. **I Seminário interno sobre educação superior da Universidade Católica de Brasília**. Brasília: Universa, 2001.

\_\_\_\_\_. **Como desenvolver o potencial criador**: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Criatividade na educação: elementos inibidores e facilitadores. **In: Educação: Tendências e desafios de um campo em movimento**. GALVÃO, A. C. T.; SANTOS, G. L. (Orgs.). Brasília: Líber livro, 2008, p. 75 - 89.

\_\_\_\_\_. Criatividade na educação superior na perspectiva de estudantes e professores. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Org.). **Criatividade no ensino superior**: uma perspectiva internacional, 2011, p. 180 - 201.

ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. **Criatividade** - múltiplas perspectivas. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Práticas pedagógicas que promovem a criatividade segundo professores de ensino fundamental**. Relatório de Pesquisa. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Barreiras à promoção da criatividade no ensino fundamental. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, v. 24, p. 59-66, 2008.

\_\_\_\_\_. Criatividade na educação superior - fatores inibidores. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 201 - 206, jul. 2010.

AMABILE, T. M. **Creativity in context**. Update to the social psychology of creativity. New York: Westview Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Como não matar a criatividade. **HSM Management**, São Paulo, a. 3, n. 12, p. 110 - 117, jan/fev. 1999.

BAHIA, S.; NOGUEIRA, S. I. (Org.). **Entre a teoria e a prática da criatividade**. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

BAUTISTA VALLEJO, J. M. **Escola aberta e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BETANCOURT MOREJÓN, J. **Psicología y creatividad**: apuntes y reflexiones. Guadalajara: Editorial de la Universidad de Guadalajara, 1996.

CARNEIRO, R. **Fundamentos da educação e da aprendizagem**. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

CASTANHO, A. E. L. M. A criatividade na sala de aula universitária. In: VEIGA I. P. A.; CASTANHO, A. E. L. M. (Org.). **Pedagogia Universitária. A aula em foco**. Campinas: Papirus, 2000, p. 75-89.

CASSASSUS, J. **A escola e a desigualdade**. Brasília: Plano, 2003.

CLAXTON, G.; LUCAS, B. **Criative-se** - um guia prático para turbinar o seu potencial criativo. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CROPLEY, A. J. **Creativity in education & learning** - a guide for teachers and educators, London: RoutledgeFalmer, 2005.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Creativity**: flow and the psychology of discovery and invention. New York: Happer Collins, 1996.

DE LA TORRE, S. **Aprender com os erros**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 2002.

FLEITH, D. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. **Revista Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 17, p. 55 - 61, 2001.

FLEITH, D. de S.; ALENCAR, E. M. L. S. de. Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, p. 85-91, jan./abr. 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia** - o cotidiano do professor. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, H. (1994). The creators' patterns. In: FELDMAN, M.; CSIKSZENTMIHALIY M.; GARDNER, H. (Org.). **Changing the world** - a framework for the study of creativity. Westport: Praeger Publishers, 1994, p. 69 - 84.

GOMES, C. A. **A educação em perspectiva sociológica**. 3. ed. São Paulo: E.P.U, 1994.

JACKSON, N. Making sense of creativity in higher education. In: **Developing creativity in higher education**. JACKSON, N.; OLIVER, M.; SAHW M.; WISDOM, J. (Orgs.). New York: Routledge, 2007, p.197-215.

LAND, G.; JARMAN, B. **Ponto de ruptura e transformação**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MASI, D. de. **Criatividade e grupos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Criatividade, personalidade e educação**. São Paulo: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_. A criatividade na escola: três direções de trabalho. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 189 - 206, 2002.

MITJANS MARTÍNEZ, A. e colaboradores. **Pensar y crear** – estratégias métodos y programas. Havana: Editorial academia, 1995.

OLIVEIRA, Z. M. F. de. Criatividade na formação e atuação do professor do Curso de Letras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 2, jul/dez, 2007.

OLIVEIRA, Z. M. F. O elo entre a educação, o desenvolvimento sustentável e a criatividade. **Revista Iberoamericana de Educación** , n. 51/3, p. 1 - 10, 2010.

PERRENOUD, P. **Os dez não ditos ou a face escondida da profissão docente**. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Genebra, Genebra, 1999. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/perrenoud6.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

PORTO, G. À propósito da formação de professores. **Revista de Pedagogia**, Brasília, n. 6, ago./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.fe.unb.br/revistadepedagogia/numeros/06/editorial.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2005.

PREDEBON, J. **Criatividade**: abrindo o lado inovador da mente. São Paulo: Atlas, 2001.

ROSAS, A. Universidade e criatividade. In: Seminário Nacional sobre Superdotados, 7, 1987, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: SENAI, 1987, p. 121-124.

SANTO, R. **Criatividade** - fatores prioritários. 2004. Disponível em: <<http://www.guiarh.com.br/z54.htm> > Acesso em: 09 abr. 2004.

STERNBERG, R.; LUBART, T. Investing in creativity. **American Psychologist**, Washington, n. 51, 1996, p. 677-688.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TIBEAU, C. C. P. Entraves para a compreensão da criatividade no ensino e na formação do profissional de educação física. **Lectura: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a. 8, n. 51, 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/criativ.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2005.

TORRANCE, E. P. Teaching for creativity. In: ISAKSEN, S. G. (Org.) **Frontiers of creativity research: beyond the basics**. Buffalo, N. Y.: Bearly Limited, 1987, p. 189 - 215.

UANO, L. M. de. La creatividad? Un talento exclusivo de los artistas o uma capacidad de todo ser humano? **Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 265 – 287, jul./dez., 2002.

VIRGOLIM, A. M. R.; FLEITH, D. S.; NEVES-PEREIRA, M. S. **Toc, toc...plim, plim!** São Paulo: Papirus, 2006.

WECHSLER. S. M. A educação criativa: possibilidade para descobertas. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papirus, 2001, p. 165-170.

WECHSLER. S. M. **Criatividade**: descobrindo e encorajando. Contribuições teóricas e práticas para as mais diversas áreas. Campinas: Livro Pleno, 2002.